

THIRANAGAMA, Sharika. 2011. *In my Mother's House: Civil War in Sri Lanka*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 320 pp.

Bruno Ferraz Bartel

Doutorando em Antropologia/UFF¹

Sharika Thirangama é professora assistente do Departamento de Antropologia da Universidade de Stanford. As pesquisas desenvolvidas pela autora têm abordado os vários aspectos e as consequências das guerras civis no Sri Lanka. As temáticas escolhidas procuram lidar com as formas dinâmicas dos processos de formação da etnicidade de seu país, as consequências das guerras civis por meio dos deslocamentos forçados, as transformações e relações entre as dimensões políticas e familiares inseridas em contextos de repressão política e militarização.

Centrado nas trajetórias de vida de seis indivíduos, o livro de Sharika Thirangama marca as controvérsias que envolvem os conflitos étnicos do Sri Lanka, especialmente entre os anos de 1983 a 2009. A perspectiva da guerra como “condição social” (problemática de estudo e dispositivo particular da vida social) procura demonstrar a relação do Estado Sri Lanka pós-colonial com o surgimento do grupo guerrilheiro ligado a etnia *Tamil*, os Tigres de Liberação do *Tamil Eelam* (LTTE). A compreensão de uma pátria própria ou a de uma terra natal soberana traduz a utilização do vocábulo *Eelam* consoante à motivação aos ideais dos militantes do LTTE.

O livro de Sharika Thirangama proporciona um balanço crítico das ideias de nação e etnicidade no Sri Lanka através dos aspectos chaves da vida em família, ideologias e planos individuais de aspirações vigentes. Neste sentido, a autora aborda a dimensão das guerras ocorridas com a transformação física, emocional e social da paisagem de seus interlocutores de modo a colocar seus horizontes em perspectivas. Se os eventos dramáticos que envolvem os deslocamentos de massa contribuíram na modificação dos projetos de vida de milhares de pessoas, o foco na produção de novos tipos de *selves*, gerações, biografias e ambivalências ligadas às experiências de guerra, resumem os méritos da maioria das análises sobre as formas de subjetividades e processos de individualização.

O deslocamento forçado de grande parte da população em determinadas regiões do Sri Lanka (Norte e Leste) proporciona exhibir os dilemas morais, existenciais e emocionais

1 Integrante do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC), do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa (NUFEP) e do Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM).

dos interlocutores que optaram pelo exílio no Canadá ou na Inglaterra como um local seguro onde poderiam narrar suas experiências. Para exprimir as consequências desses deslocamentos constantes dos habitantes dessas zonas, a noção *ur* (lar/vila de origem), que organiza as interações entre indivíduos e seus respectivos grupos (*Tamil* e *Sinhalese*), é explorada para evidenciar as múltiplas dimensões de uma geografia imaginária compartilhada no país. Além disso, a capacidade do LTTE em construir novas formas de se repensar a relação das populações *Tamil* em relação às afiliações e identidades étnicas nacionais fornece as bases por onde essa militância procurou penetrar nas estruturas familiares dessas comunidades.

O caminho metodológico do livro versa sobre as distintas sociabilidades entre as comunidades *Tamil* e cingalesas muçulmanas por meio das ações do LTTE. Todavia, diferente da chave interpretativa orientalista dos Estudos Asiáticos, em que a noção de indivíduo se encontra subordinada a uma coletividade, as narrativas expressam a complexidade das relações de construção dos *selves* nas comunidades étnicas destacadas. Em primeiro lugar, a guerra havia reinventado a possibilidade de produzir novos indivíduos de modos completamente inesperados, segundo os interlocutores de ambos os grupos (*Tamil* e Muçulmanos). Em segundo, as ações do LTTE também desenvolveram novas formas de perceber a vida em coletividade do ponto de vista desses novos indivíduos constituídos.

O capítulo 1 contempla a formação dos *selves* e das individualidades ante as estratégias de recrutamento do LTTE junto à juventude *Tamil*. Essa militância ofereceu uma alternativa às frustrações de mobilidade social pela busca por *status*, poder e heroísmo tanto entre os sobreviventes das ações da guerrilha quanto pelos próprios guerrilheiros ao longo das gerações. Em resumo, as reflexividades, que envolvem as histórias de vida contempladas, lidam com diversas narrativas de poder inseridas nas condições políticas e sociais do país, no início da década de 1980, por onde a formação desses *selves* aparece visível.

No capítulo 2, a autora comenta os distúrbios sociais provocados pelas revoltas do LTTE, que almeja a criação de um Estado independente diante do Estado pós-colonial do Sri Lanka, ao longo dos sistemas de alianças, amizades e de parentesco verificados nas narrativas dos interlocutores sobre as suas experiências com os campos de refugiados. As formas como as famílias organizaram suas perdas (materiais/simbólicas) e protegeram suas memórias e segredos são explorados através de uma distinta definição da noção de herança. Para além do ponto de vista da riqueza material, as considerações analíticas elaboram os mecanismos familiares e individuais de se perpetuar, imaginar, transmitir e herdar posições, desejos e reconhecimentos sociais.

Com o intuito de abordar os cingaleses muçulmanos, o capítulo 3 se concentra sobre a produção de alteridade desse grupo como um problema chave dentro do nacionalismo *Tamil*, questão crucial para a compreensão da polarização social no Sri Lanka e o aprofundamento de suas identificações étnicas. A história de entrelaçamento entre as estruturas políticas e sociais envolvendo a temática da etnicidade forma o contexto das discriminações vividas por parte de determinadas populações. Assim, a autora procura traçar a emergência de uma nova categoria de denominação dos muçulmanos do Norte relacionada a essas formas de historicidade local.

Um resgate da história colonial britânica possibilitou o diagnóstico de que a utilização da palavra “muçulmano” abrangiu as dimensões tanto religiosas quanto étnicas. Além

disso, a ampla dispersão desse grupo na ilha conformou uma diferenciação regional e demográfica específica responsável pela formação identitária e histórica do Sri Lanka a partir das relações com os demais grupos islâmicos presentes no subcontinente indiano. O desfecho colonial para essa situação foi a restrição quase que completa da participação dos muçulmanos na comunidade imaginária nacional. Isso foi potencializado principalmente pelas classificações do governo do Sri Lanka que insistiam em reconhecer a existência de limites precisos entre grupos étnicos e locais de ocupação com base em um território comum compartilhado.

Não obstante, a atribuição da herança, propriedade, regime de casta e do sistema de parentesco não explicita as relações entre as comunidades *Tamil* e cingaleses muçulmanas, notadamente com os do Norte. Tal abordagem poderia reforçar a proposição de que essa região não encontrou na Índia um ponto de apoio para as aspirações políticas de seus habitantes baseado na desconfiança desse governo com a presença de populações de origens islâmicas. Neste sentido, a política entre as comunidades (*Tamil* e Muçulmanas) precisaria ser historicamente melhor refinada em termos críticos para contemplar os argumentos da autora.

O capítulo 4 procura remontar os processos sociais ligados aos deslocamentos forçados pelo LTTE e que, como consequência, foram os responsáveis pela constituição de novos lugares e mudanças estruturais na noção de pessoa entre os cingaleses muçulmanos, segundo os usos da categoria nativa *ur*. Esse termo evoca qualidades simbólicas vinculadas às imagens de lar/vila de origem e sedimenta as bases distintivas entre os refugiados muçulmanos com relação aos demais grupos étnicos do Sri Lanka. A multiplicidade das práticas *ur* junto a essas populações deslocadas atua como um guia de ação sobre as formas cotidianas de convivência, comensalidade e, sobretudo, das práticas matrimoniais.

A militância das mulheres do LTTE é alvo de análise no capítulo 5 que procura demonstrar como essa atividade falhou na tentativa de transformar a ordem social *Tamil* estabelecida pelo parentesco em uma estrutura mais igualitária. A premissa de que a inteligibilidade desse tipo de militância se realiza através da participação constante dessas mulheres condiciona uma interpretação de que esse modelo pode ser visto como um fenômeno que perpassa todos os períodos de formação e reestruturação do LTTE. Responsável, portanto, pelas experiências individuais de transformações dos interlocutores. Para comprovar essa questão, a militância teria como finalidade proporcionar para as mulheres uma forma de escapar do sistema de obrigações ou, mais especificamente, do dote.

O novo parentesco criado pelo LTTE não anulou o valor do casamento como um ponto central na vida social desses indivíduos e, tampouco, das relações de propriedade que envolvem as mulheres. A transformação dos *selfs*, através da participação das mulheres no LTTE, é indicada, porém não confrontada com a resistência das estruturas familiares atuantes como nas formas matrimoniais, relações entre as castas e na relevância dos dotes ainda vigentes. Ao que tudo indica, a autora sugere que quanto mais o LTTE almejou mudar a estrutura social local mais ele manteve a reprodução das formas de controle das terras e dos casamentos entre as mulheres *Tamil*.

Nas conclusões, a autora disserta sobre os distúrbios sociais que utilizam a dinâmica da violência para produzir um espetáculo constante de imagens urbanas históricas na capital Colombo como forma de expressar o vocabulário do nacionalismo da etnia *Sinhala*.

Além disso, a dimensão purificadora da religião budista e a manutenção de um passado rural aparentemente em declínio e de forma idealizada são analisadas como forma de dar conta das transformações sociais ocorridas entre os anos de 1983 a 2009. A cidade de Colombo tem sido historicamente associada a uma cidade multifacetada a partir das influências Inglesas, *Sinhala* e *Tamil* ao longo de todo o século XX. Mais do que isso, a cidade tem abrigado múltiplas apropriações espaciais, refletindo-se em distúrbios urbanos motivados por discursos envolvendo questões de etnicidade, e que se desdobrariam ao longo das séries violentas observadas nos anos de 1956, 1958, 1977 e 1983.

O livro procura detalhar as formas de vida durante a guerra, singularmente para aqueles que a viveram, onde o movimento *Tamil* foi o principal foco dos dramas produzidos tanto pelo LTTE quanto pelo governo do Sri Lanka. Qualquer forma de solução política que envolva a devolução parcial dos territórios *Tamil*, seja do Norte ou do Leste, parte da premissa de que o modelo híbrido da capital Colombo serviria como um ideal a ser difundido por todo o país. A maioria dos casos analisados, assentados nas subjetividades dos interlocutores, estabeleceu a marca que as próprias comunidades *Tamil* tiveram sobre as múltiplas maneiras de se fazer e constituir a própria história, uma vez que as ações dos movimentos de migração atuaram como formas de aspirações e de mobilidade social.

O sonho de uma pureza racial, como assim foi imaginado entre os nacionalistas do Sri Lanka, foi confrontado constantemente por questões de etnicidade, classe ou casta que estruturam a vida social do país e, em particular, o movimento *Tamil* ao longo dos anos de guerra civil. Esse ideal permaneceria vivo nas populações da capital Colombo justamente por suas capacidades de reinventar o que viria a ser o Sri Lanka. Neste sentido, Colombo tem provido, para distintas gerações, a imagem de um local seguro para as minorias de seu país mesmo que, às vezes, possa suscitar um estado imaginário no qual se vive em condições de extrema opressão, como uma forma de atestar o seu caráter de distopia social.

Recebido em 22 set. 2015.

Aceito em 22 dez. 2015.